

Abrace esta causa

Ramos Lobinho e Escoteiro

Informações

Duração: 01 hora

Local: sede ou local aberto

Participantes: individual, por patrulha ou seção

Área de desenvolvimento

Intelectual e afetivo

Materiais

Duas maçãs, uma faca de mesa, informativo sobre epilepsia, papel e caneta

Descrição da atividade

1. Chefes de seção iniciam o tema falando de uma doença chamada epilepsia (forma sucinta, de acordo com o ramo) – utilizar material suplementar;
2. Explicar que o “Purple Day” (Dia Roxo) é comemorado no dia 26 de março e foi criado em 2008. O roxo foi escolhido por uma garota no Canadá (Cassidy Megan) por conta da cor da lavanda, que simboliza a solidão, que algumas pessoas com epilepsia sentem. Ela queria que em nenhum lugar do mundo jamais as pessoas com epilepsia se sentissem sozinhas, exatamente como na plantação de lavanda. No Brasil, Eduardo Caminada, hoje é o Embaixador do Purple Day no Brasil. Ele tem epilepsia desde a infância e iniciou a divulgação sobre epilepsia há mais de 10 anos. Nas suas redes sociais @vivacomeepilepsia ele mandou um recado para os Escoteiros do Brasil;
3. Assim como a epilepsia, outras doenças também têm meses ou dias comemorativos, com intuito de propagar conhecimentos de determinadas doenças e ajudar a combater o preconceito. Abrir para o grupo sobre outros dias e meses (ex. Janeiro branco – mês para conscientizar sobre a saúde mental; abril – dia do autismo; Setembro amarelo – mês do combate ao suicídio; Outubro rosa – mês de conscientização do câncer de mama).
4. Perguntar para os jovens sobre o bullying e os possíveis preconceitos que as pessoas com epilepsia ou doenças neurológicas podem sofrer;
5. Lição sobre bullying usando duas maçãs;

Uma forma bastante criativa e simples de sensibilizar as crianças sobre os malefícios causados pelo bullying foi pensado pela professora britânica Rosie Dutton. Ela pegou duas maçãs que eram aparentemente iguais e, antes de entrar em sala, bateu uma delas delicadamente no chão. As crianças não viram. Ao entrar, mostrou as duas frutas e os alunos apresentaram semelhanças entre elas. Então, Rosie pegou a maçã que bateu levemente no chão e começou a falar que não gostava dela, incentivando as crianças a repetirem as críticas - ainda que não vissem praticamente nenhuma diferença entre as duas frutas. Em seguida, pegou a outra maçã e começou a falar bem dela, incentivando as crianças a fazerem o mesmo. No final, pegou novamente as duas maçãs e perguntou sobre as semelhanças entre elas - os alunos continuavam achando as mesmas. Rosie, então, cortou as duas ao meio. A primeira maçã, xingada e maltratada, estava machucada e molenga por dentro. A elogiada, clarinha e fresca. Desta forma, os alunos entenderam a mensagem: “Acho que as crianças tiveram uma espécie de iluminação naquele momento. Elas realmente entenderam: o que vimos no interior das maçãs, os machucados, os pedacinhos partidos, era como cada um de nós se sente quando alguém nos maltrata com suas ações ou palavras”, disse Rosie.

Que tal experimentar essa metáfora criativa no grupo escoteiro?

Neste formato, o chefe pode abrir uma roda de conversa e expor e debater com o grupo algumas frases (podem ser lidas ou escritas numa folha de papel/cartolina): • “se eu tocar em alguém tiver uma crise epiléptica (convulsão) posso pegar esta doença~ (explicar que a epilepsia não é uma doença contagiosa). • “as pessoas com epilepsia não são inteligentes e não aprendem” (a epilepsia não afeta a inteligência, algumas pessoas que têm muitas crises epilépticas podem ter mais dificuldades, mas têm capacidade para aprender como qualquer outra). • • “as pessoas com epilepsia são preguiçosas” (algumas pessoas com epilepsia podem ter muitas crises epilépticas e ainda necessitar a tomar muitos medicamentos que levam a sonolência, mas não por isso são preguiçosas). • • “não contarei que tenho epilepsia porque serei diferente das outras pessoas~ (uma das formas de combater o preconceito de uma doença ou condição é falar sobre ela. Todos somos diferentes. E ser uma pessoa com epilepsia não a torna melhor ou pior que outra).

6. Ao final, o chefe ou algum lobinho pode ler o poema: “O tempo – de Mário Quintana” – pode determinar a atividade dizendo que não vamos deixar passar tantos anos para nos arrependermos, sempre há tempo para pedir perdão, tentar consertar algo que fizemos de errado para um amigo, colega., familiar. Pedem para que todos se abracem e peçam perdão ou se desculpem por algo que possivelmente falaram e que magoam um ao outro.
7. Terminar a atividade fazendo cartazes com o que discutiram e fazendo frases calorosas e positivas para pessoas que têm epilepsia ou outras doenças (ex.

autismo, paralisia cerebral). Exemplos de frases: Quando pensamos e trabalhamos em prol do nosso semelhante, a crise desaparece; A epilepsia não é contagiosa, o preconceito sim! Epilepsia: abrace esta causa; O meu grupo escoteiro não trata a epilepsia com preconceito; Eu falo de epilepsia sem preconceito, e você? Não julgue uma pessoa pelo fato de ter epilepsia, ela é muito mais do que isso. A epilepsia é muito mais comum do que possamos imaginar. Aproximadamente 50 milhões de pessoas convivem com a epilepsia em todo o mundo. A epilepsia pode afetar qualquer ser, em qualquer momento de sua vida, basta ter um cérebro. A epilepsia tem tratamento, procure ajuda. O nosso grupo sabe lidar durante uma crise epiléptica/convulsão.

8. Os cartazes e materiais podem ser disponibilizados na sede escoteira durante o mês, podem ser disponibilizados numa escola ou entidade (igreja, hospital, posto de saúde), depois fotografar ou filmar e colocar nas redes sociais com a #epilepsiaabraceestacausa

Bibliografia

[Materiais Pedagógicos - Estante Mágica - Blog](#)

Esta ficha foi elaborada por

ABE - Associação Brasileira de Epilepsia